

18. Profissão de esperança

Como deve encarnar e exprimir a esperança e nos fazer caminhar nela a vida de comunidade que nos é pedida no mosteiro, como é pedida a cada discípulo de Cristo que, de vários modos e formas, é chamado a ser Igreja em comunhão com os outros?

Penso no versículo do salmo 118 que São Bento motiva a cantar no momento da Profissão monástica: “Recebei-me, Senhor, segundo a vossa palavra e terei a vida. Não seja confundida a minha esperança” (Sl 118, 116).

São Bento faz com que o neoprofesso o cante três vezes, e a cada vez a comunidade deve repeti-lo, acrescentando ao final o *Gloria Patri*. Em seguida, o professo se prostra aos pés de cada monge para pedir sua oração. São Bento acrescenta: “e já daquele dia em diante seja considerado na comunidade” (cf. RB 58, 21-23).

A pertença a uma comunidade é pedida e vivida no desejo de que se cumpra a promessa de vida feita a nós pelo Senhor e, portanto, dentro de uma esperança. Vive-se em comunidade para que se cumpra a promessa de vida plena, de vida eterna, feita a nós pelo Senhor morto e ressuscitado por nós. A comunidade, acolhendo essa profissão de esperança de “verdadeira e perpétua vida” (RB Prol. 17), compromete-se a ajudar cada um de seus membros a viver nessa esperança, a cultivá-la juntos, a reavivá-la e renová-la sempre de novo.

Como isso acontece? Como vivemos isso?

Gostaria de delinear alguns aspectos desse compromisso comunitário de viver a esperança, para nos ajudar a ter consciência de que é exatamente isso que salva uma comunidade, sempre e em qualquer caso, mesmo que ela tenha que morrer, e que nos permite viver com plenitude, alegria e liberdade nossa vocação e missão, aconteça o que acontecer.

A primeira coisa que me parece importante sublinhar é que somos chamados a nos olhar reciprocamente com esperança. Vimos como São Bento convida a acolher o irmão, pedindo à comunidade de fazer sua essa profissão de esperança na promessa do Senhor. Naquele momento, depois de todo o caminho de formação em que sua vocação foi posta à prova, é como se a comunidade não buscasse nada mais além da esperança para definir a aptidão do irmão para seguir Cristo no mosteiro. De repente, não se olha mais para aquilo que alguém é ou não é, se tem qualidades ou defeitos, se já é quase um santo ou um pobre pecador, mas para seu desejo, para sua expectativa de realização que só Cristo pode nos dar, portanto, para sua esperança. No fundo, é a comunidade, e não tanto Deus, que não deve decepcionar a esperança desse novo irmão.

Olhar para o outro, não apenas para os membros da nossa comunidade, mas para todos, colocando no centro das atenções a sua esperança, unindo-nos à sua esperança, é um olhar que dilata as relações humanas, as relações comunitárias, até o infinito.

É claro que podemos e devemos olhar com lucidez para as limitações, os problemas, as misérias que existem em cada um, mas um olhar de esperança e na esperança nos permite não confinar o outro, nem a nós mesmos, dentro dos limites de nossas

limitações. Pois a promessa de vida que o Senhor faz a cada um é infinitamente maior do que nossas limitações. Não podemos acreditar mais em nossas limitações do que no Senhor, que promete a vida eterna e a santidade.

Pensemos em como Jesus olhava para cada pessoa, mas especialmente para seus discípulos. Ele os chamou a segui-lo para cumprir com ele sua missão sem limites de amor e de dom de si. Os limites emergiam continuamente neles e entre eles. Humanamente, eles eram um fiasco, como frequentemente o somos nós e nossas comunidades. Mas Jesus jamais permitiu que seu olhar ficasse preso às limitações dos discípulos, de qualquer pessoa que ele encontrasse. Por isso, ele podia também ser severo, corrigi-los duramente, como fez com Pedro, mas o fazia exatamente porque os olhava sem perder o horizonte da esperança.

A carta mais curta de São Bernardo consta de apenas 14 palavras. Ela foi endereçada ao Papa cisterciense Eugênio III para recomendar-lhe um jovem, talvez com a finalidade de que ele fosse formado em uma vocação a serviço da Igreja. Bernardo escreve:

“Mittimus ad te iuvenem pudicum, ut aiunt, litteratum, pro aetate. Cetera sunt in spe.”
– “Nós te enviamos um jovem recatado e, como dizem, já instruído para sua idade. Tudo o mais está na esperança.” (Carta 537)

“Tudo o mais está na esperança”. Como seria maravilhoso se soubéssemos olhar para as qualidades e defeitos uns dos outros com esta cláusula sempre aberta, aberta ao infinito, ao impossível que a graça de Deus promete a cada vida e pode sempre realizar.

Sem esse olhar, sem essa abertura da esperança, as relações comunitárias não são cristãs, não são aquilo para o qual foram dadas e pedidas.

Mesmo com Jesus, se não temos esse olhar, corremos o risco de acabar como Judas. Ao invés disso, Pedro, mesmo sem compreender, mesmo sendo incapaz de vencer a si mesmo, sempre manteve essa abertura. Como quando, em Cafarnaum, ele lhe respondeu: “Senhor, a quem iríamos nós? Tu tens as palavras da vida eterna. E nós cremos e sabemos que tu és o Santo de Deus!” (Jo 6, 68-69).

Temos esperança em nosso olhar para os outros e para nós mesmos?